



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

A paisagem dos lugares ou preservação cultural

The landscape of places or cultural preservation

El paisaje de los lugares o la preservación cultural

BORBA, Guilherme Galuppo (1)

(1) Mestre, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, FAU-USP, São Paulo, SP, Brasil; email: galuppo82@hotmail.com

A paisagem dos lugares ou preservação cultural

The landscape of places or cultural preservation

El paisaje de los lugares o la preservación cultural

RESUMO

Neste trabalho levanta-se algumas características do lugar e da paisagem no contexto metropolitano, com ênfase na preservação cultural. A partir da problematização de uma nova conceituação – *a paisagem dos lugares* – fez-se necessário debater a cultura e os usos que se fazem dela, buscando alcançar processos de preservação que permeiem a consciência dos indivíduos e possam atuar sobre a fruição e projeto do espaço urbano negligenciado pela lógica de mercado. Exemplifica-se um tipo de atividade escolar que possa trabalhar com processos imaginativos, criativos e pedagógicos, de modo a estreitar a relação dos indivíduos com os espaço público, dentro de um contexto paisagístico e emancipatório. A memória e identidades culturais dos lugares vividos cotidianamente são alicerce para a construção coletiva de uma história solidária na metrópole.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem, lugar, cultura, preservação, patrimônio

ABSTRACT

This paper discusses some characteristics of place and landscape in the metropolitan context, placing emphasis on issues of cultural preservation. By the means of a new compound term – the landscape of places – the concepts of culture and its uses were examined so as to discover preservation processes that permeate individuals' consciousness and promote the collective usage of public urban space, which in turn is often overlooked by the market. An example of a school activity is described where it uses imagination, creativity and art processes as an attempt to strengthen the relationship between individuals and the public spaces through an emancipatory framework. The memory and cultural identities of the people who live their daily lives in the metropolis are the foundation for a collective construction of a solidary story for the future.

KEY-WORDS: landscape, place, culture, preservation, heritage

RESUMEN

Este trabajo plantea algunas características del lugar y del paisaje urbano en el contexto metropolitano dentro del tema de la preservación cultural. A partir de la problematización de un nuevo concepto - el paisaje de los lugares - hizo necesario discutir la cultura y sus usos, buscando lograr procesos de conservación que impregnan la conciencia de los individuos y que puedan actuar colectivamente para el buen uso y diseño del espacio metropolitano, lo cual é normalmente dominado por la lógica del mercado. Ejemplificase un tipo de actividad escolar que puede trabajar con los procesos imaginativos, creativos y pedagógicos con el fin de fortalecer la relación entre los individuos y el espacio público en un contexto paisajístico y emancipador. La memoria y la identidad cultural de las personas que viven su vida cotidiana son la base para la construcción colectiva de una historia solidaria en la metrópolis.

PALAVRAS-CLAVE: paisaje, lugar, cultura, preservación, patrimonio

1 INTRODUÇÃO

A paisagem sofreu abalos, metamorfoseou-se ao longo da história. Mas de que forma a experiência paisagística permeia atualmente a vida na metrópole? É tempo de pensar sobre sua construção histórico-cultural nos lugares periféricos, cuja importância no rol das decisões políticas é absolutamente rebaixada. Se a paisagem é um constructo cultural coletivo, também um bem material e imaterial¹, é também um patrimônio que necessita de instrumentos de proteção, manutenção e fomento. Se a diminuição das desigualdades socioespaciais está na ordem do dia, então os bens culturais criados, vividos e localizados nas zonas de baixo investimento merecem atenção especial. Não obstante, os próprios mecanismos de catalogação e proteção do patrimônio material e imaterial metropolitano devem ser cuidadosamente repensados. Isso se deve ao fato de que a paisagem, assim como a maioria dos bens culturais, é construída historicamente de acordo com as transformações sociais, econômicas e estéticas no curso da história; portanto, ela é mutável, intercambiável e não poderá ser enquadrada em peça de arte museológica. Ela é um registro mas não somente; é processo, é relacional, é identidade e memória vivida.

Isto posto, seria possível manter a paisagem urbana fora dos moldes especulativos da metrópole e fomentar sua preservação e/ou transformação a partir dos sujeitos que a vivem e lhe dão conteúdo de pertencimento? De que forma o estudo coletivo e participativo da paisagem traduz-se no próprio ato de sua invenção², isto é, de sua manutenção na memória e identidade local?

Pretende-se, neste artigo, revolver e evoluir o debate acerca de uma paisagem um tanto peculiar – *a paisagem dos lugares* – e refletir sobre seus usos culturais à luz da problemática da preservação patrimonial vinculada à memória e identidade dos lugares periféricos. Pelo fato desta definição não ser óbvia, muito menos corriqueira, viu-se a necessidade de justificar sua utilização acadêmica, explicitando seu potencial na transformação do *status quo*.

2 A PAISAGEM DOS LUGARES

O *lugar* é principalmente um produto da experiência humana: “(...) lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização (...) mas à tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979). Ou ainda, “lugar é um centro de significados construído pela experiência” (TUAN, 1980). Entretanto, o lugar também nos convida a um olhar marginal e nos faz perceber um conjunto de ações e forças conflituantes para as quais um posicionamento radical se mostra vital. O *lugar* é onde a vida acontece, é a espacialidade abarcada pelo escopo da necessidade das relações humanas, cuja temporalidade verifica-se mais intensamente com o sentido de habitar, mas também no trabalhar e no brincar, visto que são atividades socializantes. O *lugar* também pode conter o cotidiano, o qual lhe confere complexa e antagonicamente certos significados, tanto objetivos quanto subjetivos, muitos deles passageiros.

¹A maioria dos órgãos institucionais que tratam da paisagem, a UNESCO por exemplo, a entendem como um bem material. Contudo, a corrente culturalista de filósofos da paisagem (Augustin Berque, Alan Roger, Anne Cauquelin e outros) vêm dando ênfase ao seu aspecto imaterial, subjetivo e cultural.

² Segundo Anne Cauquelin (2007), as paisagens são construídas inventivamente pois (...) “Descobre-se a beleza, frequentam-se os lugares. (...) Eles entram na moda, primeiro para a elite da sociedade, depois entram no vocabulário das ‘necessidades’ naturais, são um bem comum, disponíveis a todos (p. 92-96)

A *paisagem* depende de um estado de cultura, de uma razão histórica, de um sujeito que a olhe, que a interprete. Ela não é somente a forma visível do ambiente, o qual tende a se manifestar com alto grau de objetividade, mas sim uma entidade relacional que aparece dentro de certas condições. Ela engaja nossa sensibilidade, não existe fora de nós e que também não existimos fora da *nossa* paisagem (BERQUE, 1994). A *paisagem*, de início, associa-se à pura contemplação da natureza, revela e alcança a fruição estética de um todo visível, ela preconiza o pertencimento à tal harmonia, num desejo de apaziguamento da alma. Enxergar uma *paisagem* significa empregar uma postura no olhar, uma intenção que destaca do mundo os elementos que constroem a cena, e também o espetáculo.

O termo *paisagem dos lugares* indica o interesse pela superfície que nos rodeia cotidianamente e a qual tocamos, olhando e pisando, e sentimos, inventando belezas. Há que identificar, dentro de um contexto abarcável, os elementos e processo que alavancam sua invenção, considerando tanto os sócio-históricos como os do inconsciente. Considerar o *lugar* numa pesquisa de *paisagem* significa entender a transversalidade de diferentes razões sobre o território megalopolitano. É priorizar, por exemplo, o papel da praça num mundo que valoriza a esfera da vida privada, das virtualidades e das práticas digitais. Os lugares oferecem, muitas vezes, resistência contra essa razão dominante (QUEIROGA, 2001). Nesse caso, na praça, ou nos lugares *pracializados*³, é possível o contato interpessoal público, o estabelecimento de ações culturais fundamentais, nas quais a invenção da paisagem poderá tomar lugar dentro de um projeto de emancipação.

O lugar que damos ênfase é o das calçadas e das ruas esburacas de zonas residenciais afastadas – ou não –, acinzentadas pelo concreto velho e escuro que cede ao intemperismo “Deus dará”; é aquele das casinhas geminadas, cada qual com sua cor desbotada, pintando morfologias criativas em razão do relevo acidentado e dos quarteirões ilógicos – todas elas em estruturas erigidas e desenhadas pelo “Pedro Pedreiro”. Esse lugar é aquele da vivência ou da “semi-vivência” nas rachaduras do espaço urbano lógico; dos cortiços, favelas, “embaixo de pontes”, edifícios ocupados clandestinamente, praças, terrenos baldios; dos acontecimentos criativos e efêmeros, dos skatistas, pichadores e artistas de rua; é aquele da esquina da várzea com o Bar do Zé, da escola com a “boca” da droga, do esgoto com a sala de estar. Em suma, por mais generalizante e ineficaz que tal descrição possa parecer, interessa-nos os lugares urbanos “desencaixados” da produção da cidade, onde, mesmo imerso na lógica da acumulação voraz da riqueza, o convívio tênue e bruto transpassa a razão dominante e dominada (BORBA, 2014, p. 30)

Portanto, a realidade que nos interessa demanda essa fusão: a afinação da vida sensível, poética e estética da *paisagem* com as necessidades e acontecimentos mais prementes e banais dos indivíduos encontrados nos *lugares*. As características salientadas de cada termo, *paisagem* e *lugar*, tentam abranger algumas questões que se nos apresentam atualmente na metrópole. Por conseguinte, olhar o mundo através do prisma da *paisagem dos lugares* significa emprestar o todo à parte, o fundo à superfície, os sentidos à experiência. Tal invenção não é digna de preservação?

3 PROCESSOS CULTURAIS

A cultura é do universo da escolha, da seleção, da opção. Ela heterogeniza as relações pois estabelece juízos de valor e neste caso, a ideia de paisagem modifica-se conforme a sucessão da produção cultural no tempo e no espaço. Dessa sucessão acontece o refinamento da própria natureza humana, nas constantes intervenções voluntárias e deliberadas sobre o

³“(…) quando práticas espaciais de lazer contribuem com a cidadania, na medida em que promovem o encontro respeitoso da diversidade e enriquecem a esfera da vida pública” (QUEIROGA, 2001, p. 282).

espaço num amálgama de instâncias morais, éticas e políticas.

Pensar na cultura como criadora de lugares e paisagens também implica pensar no uso que se faz destes. Por isso, pode-se falar dos “usos culturais” da cultura, termo cunhado por Meneses (1999), e pensá-los como determinantes na caracterização da *paisagem dos lugares*. Esses “usos” da cultura podem ser entendidos como a forma pela qual as pessoas propagam os valores atribuídos aos objetos e fatos culturais, como elas fazem parte desse sistema de valores, dão significado e importância às suas vidas e perpetuam e/ou modificam a construção cultural em comunidade (MENESES, 1999).

Além desse aspecto, a problemática da cultura está inserida na produção, no armazenamento, na circulação, no consumo, na reciclagem, Por essa razão, a paisagem, na sua condição material e imaterial, fará parte de um complexo jogo sobreposto da construção e destruição desses valores. A história demonstra a oscilação de gosto e de critérios de valorização e de consumo – os sistemas estéticos, também perceptivos, são historicamente construídos. Dessa forma, para que os valores e sentidos culturais tenham existência social, eles precisam se manifestar sensorialmente e daí a relevância do chamado patrimônio cultural, para ser identificado e entendido. Cuidado, porém, deve ser tomado para não dar valor a coisa, ao objeto somente.

A relevância da cultura está nas relações da sociedade com as coisas e dos homens entre si, senão cai-se na fetichização dos objetos. A esse problema atribuímos também o papel da Indústria Cultural de que fala Theodor W. Adorno (1995). Esta cultura alieniza os indivíduos da relação sociedade-natureza, ou simplesmente do homem com o espaço. Portanto, as políticas culturais devem dizer respeito à totalidade da experiência social e não apenas a segmentos privilegiados, aos moldes culturais comerciais vigentes. A fruição do lugar e da paisagem na metrópole deve ser coletiva, de forma que suas categorias culturais não passem perto da escala do supérfluo, do efêmero mas daquela da necessidade. O uso cultural deve abranger os processos de subjetivação do indivíduo atrelados a uma consciência reflexiva do pertencimento ao coletivo. Dessa relação que se vislumbra os processos de preservação:

Acredito que a melhor forma de neutralizar esta redutora conceituação de uso cultural e abrir espaço para irrigar todo o tecido vivo da existência é fazer com que a ação cultural passe, precisamente, pelos terrenos mais importantes dessa mesma existência. Dois eixos assim me parecem prioritários: **o cotidiano** e **o trabalho**. Políticas culturais, programações culturais, equipamentos culturais, criação cultural e seja mais o que for, que passe à margem desses dois eixos, passara também a margem daquilo que, em nossa vidas, importa mais que tudo qualificar. (MENESES, 1999, p. 97, grifo nosso).

De que forma, portanto, podem cotidiano e trabalho participar da preservação da *paisagem dos lugares*, ou na invenção de uma pedagogia de usos culturais emancipatórios? Onde se coloca a importância dos mecanismos públicos para legitimar tal processo, tal patrimônio? Há poucas experiências nacionais nesse caminho. Considerar a *paisagem dos lugares* como um processo de preservação cultural significa trabalhar com os mecanismo que atuam no desenvolvimento dos valores culturais dentro de um contexto localizado, vivido e ao longo do tempo.

4 PRESERVAÇÃO

A constituição federal de 1988 introduz a paisagem no corpo de “patrimônio cultural brasileiro” e prevê instrumentos legais para a sua preservação, que também implica conservação e restauração. Mas, no caso da paisagem, que é um organismo vivo, dinâmico e

cultural e que depende da forma urbana, preservam-se as formas, os conteúdos ou as funções? O pitoresco contra o ordinário? E as paisagens criadas por novos modos de vida e produção? É indispensável, enfim, que a preservação da paisagem se faça sempre nos quadros da gestão territorial e, novamente, o aparelho estatal entra com forte importância, também responsável pela construção dos valores, como foi exposto em linhas anteriores.

No entanto, para a realidade nacional, o que vemos é o marketing da metrópole que erige e manipula recursos culturais para ganhos de capital: preservação tendenciosa. Está claro que esses processos desenraizam os sujeitos dos lugares, desmaterializando a paisagem enquanto memória e identidade local. O conflito grave ocorre entre a lógica do mercado e a lógica cultural.

A paisagem também pode ser mercadoria, tanto quanto o espaço. Mas ela é necessária, é um bem indispensável para um equilíbrio de vida, responde aos imperativos da territorialidade e da pertença, ela é necessidade cultural, atendendo a requisitos de produção e reprodução (i)material da vida, na qualificação de nossa interação existencial com o mundo objetivo e subjetivo. Ela participa ativamente da construção da memória e identidade metropolitanas.

Finalmente, a preservação da *paisagem dos lugares*, especificamente, perpassa pela discussão da cultura e dos usos que fazemos de seus objetos. Contra a marginalização e/ou elitização da paisagem, vê-se a importância de entender *preservação* como processo, construção e transformação de valores, ações, relações, olhares ao longo do tempo. A produção desse processo preservacionista coletivo implica necessariamente a atuação de instrumentos e instituições públicas bem como de grupos que sejam sensíveis a uma construção cultural participativa, plural e pedagógica. Sem dúvida que esse entendimento do patrimônio *paisagem* implica uma organização e um avanço político-social que parece intangível nos moldes atuais. Mas a utopia não está no futuro; ela acontece no presente, no germe propulsor do pensamento, que também é ação: pedagogia da cultura e da consciência?

(...) é necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica. (ADORNO, 1995, p. 121)

5 PEDAGOGIA DA PAISAGEM DOS LUGARES OU EDUCACAO PATRIMONIAL

Educar sobre o patrimônio significa superar a visão reificante dos objetos do passado, dos monumentos e do patrimônio cultural no geral, compreendendo-os dentro de um contexto social específico e em movimento (CHAUÍ, 1994). Nesse contexto, o patrimônio deve ser entendido como parte de uma política ampla que se destina àquilo que faz parte da memória social. Definições de patrimônio, cultura, identidade e diversidade cultural são, assim, disseminadas por meio de programas educacionais específicos ou dentro do currículo regular das escolas (SCIFONI, 2012).

O debate sobre a paisagem urbana, em sentido amplo, e sobre a *paisagem dos lugares*, em sentido estrito, perpassa o que se chama Educação Patrimonial, sendo encontrada também em outras disciplinas, como Geografia, Artes, História. Na atualidade, pensar a paisagem urbana num contexto de Educação Patrimonial é pensar no projeto de transformação social, de emancipação humana e libertação. Para essa ação, em específico, decidiu-se neste artigo

utilizar o termo Pedagogia da Paisagem, já que pedagogia implica um entendimento mais amplo da aprendizagem⁴.

Observa-se que os órgãos de cultura possuem a alternativa de empreender ações de forma compartilhada com as comunidades por meio de suas necessidades, demandas e de uma atuação em rede, envolvendo diversos segmentos públicos e sociedade civil. Há, ainda, uma multiplicidade de estratégias que podem ser moldadas para atender os problemas locais. Para incrementar a *paisagem dos lugares*, as escolas públicas podem ser redes importantes de apoio, fomentando, por exemplo a prática do trabalho de campo de forma a estreitar os propostos escolares com a realidade metropolitana, utilizando-se do olhar paisagístico para fortalecer tal relação.

A escola pública, portanto, poderia trabalhar o fenômeno urbano como fundador e destruidor de uma certa paisagem, já que edifica mas também hierarquiza os lugares, as imagens, a arte. A *paisagem dos lugares*, que é vivenciada, construída e compartilhada dentro da vida metropolitana de pessoas comuns, dentro dos lugares rejeitados pela lógica da acumulação da riqueza, poderia ser repensada junto aos sujeitos que a vivenciam. A escola deve ser um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la. Repensar e reviver as *paisagens dos lugares* do cotidiano urbano significa entrar em contato consigo e com o outro, possibilita expandir a bagagem cultural da arte e compreender criticamente a própria história, o próprio lugar, os conflitos e potencialidades que se apresentam.

APENAS UM EXEMPLO NO ÂMBITO ESCOLAR

Para aprofundar a vivência da metrópole e suas paisagens através da educação patrimonial, especificamente da pedagogia da paisagem, há que entender a importância do espaço público. Para tanto, um trabalho de campo, que componha derivas, caminhadas e observações participantes num campo empírico circunvizinho aos locais de moradia dos sujeitos envolvidos, poderá suscitar descobertas paisagísticas dentro da esfera pública, nos lugares do cotidiano e do trabalho. O uso de fotografias como forma de apreender o real e mostrar visadas objetivas e subjetivas também contribui às reflexões neste caminho. Por meio do estudo de campo e da captação de fotografias, algumas imagens seriam escolhidas para serem impressas no xerox. Em seguida, desenhos seriam propostos no papel vegetal, que estaria por cima da fotografia impressa, de modo que o estudante pudesse trabalhar com a *paisagem real* (fotografia) e com a *paisagem almejada* (desenho). Como exercício paisagístico ou artializante, o estudante deverá decidir o que merece ser preservado e o que deve ser transformado na imagem, ou por adição ou por remoção. A paisagem dos lugares pode se dar através do olhar vivido e pedagógico sobre o espaço urbano (*trabalho de campo*), do tempo de reflexão sobre sua visualidade (*fotografia*) e da decisão de mudar ou manter o que se julga necessário (*desenho*). Na página seguinte, mostra-se a possibilidade desse exercício patrimonial local com uma paisagem de um lugar de uma periferia da metrópole de São Paulo⁵. O objetivo principal é o

⁴ “A pedagogia, além de constituir-se por uma abordagem transdisciplinar do real educativo, ao articular as teorias das diferentes ciências que lhe dão sustentação direta - Psicologia, Sociologia, História - constitui-se, ao mesmo tempo, por uma abordagem “pluricognoscível” ao ser expressão das diferentes formas e dos diferentes tipos de conhecimento: do senso comum, da estética, da ética e da política, da empiria, da etnociência” (PINTO, 2012)

⁵ Todas as imagens foram produzidas pelo autor deste texto, São Paulo, 2012 e ilustram possíveis paisagens dos lugares, na sua efemeridade e banalidade. Fazem parte de um estudo de campo no bairro Jd. Celeste, Vila Sônia, São Paulo e procuram demonstrar o exercício imaginativo e subjetivo do olhar culturalmente construído.

estudo mais minucioso de uma paisagem de um lugar e as decisões e escolhas de sua artialização⁶, além da preservação e/ou transformação dos elementos no espaço.

Figura 1: Foto original



Fonte: Guilherme Borba, 2012

Figura 2: Desenho Paisagem Almejada



Fonte: Guilherme Borba, 2012

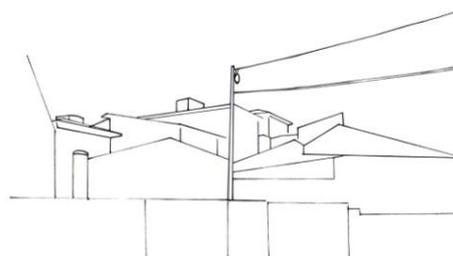
Conforme observa-se nas figuras 1 e 2, o objetivo do exercício é debruçar-se sobre uma paisagem de um lugar, pensar nos seus elementos constitutivos e tomar decisões quanto à sua preservação e/ou transformação. Nota-se que na Figura 2, por exemplo, tem-se o resultado final de uma paisagem almejada segundo o autor dos desenhos, neste caso a remoção dos fios, postes, prédios, veículos, lixo e a adição de cor e arte na fachada das casas. Além do jogo de preservar e transformar o que se julga necessário segundo cada indivíduo, a própria artialização poderá ser verificada nos lugares do cotidiano da periferia, suscitando possibilidades do belo e do extraordinário aparecer no que se julga descreditado de valor, segundo a lógica formal patrimonial. Abaixo estão alguns exemplos do exercício de artializar a paisagem dos lugares a partir da observação subjetiva do indivíduo, neste caso do pesquisador. As imagens procuram ilustrar o trabalho imaginativo, criativo e artializante do olhar, o qual é alimentado, em grande parte, por um arcabouço cultural construído ao longo da vida.

Figura 3: Paisagem de um lugar



Fonte: Guilherme Borba, 2012

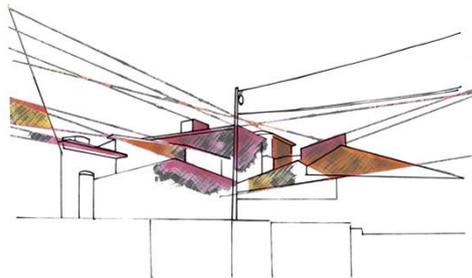
Figura 4: Geometria da Paisagem



Fonte: Guilherme Borba, 2012

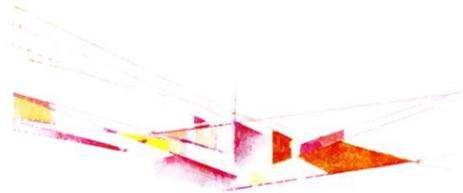
⁶ O termo *artialização* é empregado por Alan Roger em “Cinqs Propositions pour une Théorie du paysage”, 1994, e que entende o processo de olhar uma paisagem como uma criação artística, no qual o observador se utiliza de elementos culturais, imaginários e artísticos para estabelecer que certa porção do território é ou não é uma paisagem. Pode-se modificar o ambiente para que este tenha faculdades estéticas como também criá-lo mentalmente, criativamente.

Figura 5: Extensão das linhas e cor



Fonte: Guilherme Borba, 2012

Figura 6: Pintura abstrata



Fonte: Guilherme Borba, 2012

Com este exemplo, verifica-se que a experiência paisagística também é um conhecimento que se desenvolve e um “estilo cognitivo” que se estrutura, quase como em “inteligência paisagística” (BERQUE, 1994). A sensibilidade é praticável e ampliável através das relações sociais, da cultura, do aprendizado, da experiência individual e coletiva, também com aquilo que a ciência não explica. A invenção da paisagem não se deu somente num ponto, num lugar, num momento da história. Ela é forjada, transformada e reinventada incessantemente. Mesmas as áreas da periferia da metrópole ganham sentido de *paisagem*, assim como de *lugar*.

No fundo, com este exercício, verifica-se que “há zonas sensíveis que é preciso saber achar, chegar nelas, se aproximar, saber tocar, ou antes, saber ser tocado, influenciado, animado por elas, para estar em condições de pensar, de falar e de escrever” (PEGUY, 1957 *apud* BESSE, 2006, p. 98).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi um convite ao pensamento livre e transdisciplinar no debate sobre as paisagens dos lugares metropolitanos e o papel da educação na preservação e propagação de uma realidade cultural da consciência e da autonomia. Para tanto, fez-se mister retomar algumas características da noção de *lugar* e lhe dar a atual valência numa realidade mundializada e fragmentada. Neste contexto, vimos a necessidade de entender a cultura dentro de um universo complicado e contemporâneo de fazeres e usos culturais condicionados a uma lógica mercadológica. Para as paisagens que vislumbramos, o cotidiano e a esfera pública nos ajudam a levantar o que realmente importa: o tecido vivo da experiência consciente na/da metrópole. A partir dos processos pelos quais a invenção da paisagem se manifesta, atamos vínculos com os próprios mecanismos atuantes na produção da cultura e nos usos que dela forjamos. A problemática da preservação cultural, incluindo neste caso a paisagem dos lugares urbanos, se descortinou, neste trabalho, por um viés tanto humanista como crítico. A paisagem como processo cultural, em eterna modificação, resignificação e revalorização, também se encontra atolada no complicado processo de produção do espaço e do uso de uma cultura coisificante, estão desvinculados das verdadeiras identidades dos indivíduos com os lugares. A questão da preservação cultural – das paisagens dos lugares – parece mais interessante se pensada como possibilidade de uma pedagogia da consciência, de formas de fomentar uma produção e uso da cultura que inclua as subjetividades, as



experiências não-alienantes dos indivíduos consigo mesmos, com os outros e com a metrópole, de forma que a preservação seja um processo cultural, mantendo e modificando, mas verdadeiro ao cotidiano e ao trabalho da comunidade. Ainda fica incerto a maneira pela qual o aparelho estatal poderia iniciar uma divulgação cultural que perpassasse o cotidiano e o trabalho das pessoas de modo a promover a preservação das paisagens a partir de processos culturais atados aos modos de vida e suas memórias. Com elas, as relações sociais no espaço ganham significado e constroem paulatinamente uma história da metrópole que fala sinceramente de si mesma, que tem corpo e alma, paisagem e ambiente. Finalmente, fica nossa vontade de continuar a senda sem estanques receitas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz & Terra, 1995.
- BERQUE, A. *Cinqs prepositions pour une theorie du paysage*. Paris: édition Champs Vallon, 1994.
- BESSE, J. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Ed. Perspectiva, 2006.
- BORBA, G. G. *A Paisagem dos Lugares. Teoria e Práticas na periferia da metrópole paulistana: o caso do Jd. Celeste e entorno*. Dissertação de Mestrado, FAU-USP, 2014.
- CAUQUELIN, A. *A Invenção da Paisagem*. Ed. Martins Fontes, 2007.
- CHAUÍ, M. *Os trabalhos da Memória*. IN: BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MENESES, U T. B. De. *Os usos culturais da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais* In: YAZIGY, E; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. (orgs.) *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- PINTO, U. de A. *Um conceito Amplo de Pedagogia*. São Paulo: Universidade Metodista, 2012.
- QUEIROGA, E. F. *A Megalópole e a Praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa*. Tese de doutorado, FAU-USP, 2001.
- RELPH, E. C. *As bases fenomenológicas da Geografia*. *Geografia*. Rio Claro, v. 4, n. 7, 1979.
- SCIFONI, S. *Educação e Patrimônio Cultural: reflexões sobre o tema*. In. TOLENTINO, Á. B. (Org.). *Educação Patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012, p. 30-37.
- TUAN, Y. *Topofilia. Um estudo da percepção e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.